A copa do mundo sumiu!

(O caso dos sumiços da Taça Jules Rimet)

Terezinha Pereira

1ª edição
1ª impressão

Capa: Kythão
Ilustração: Rômulo Valadares
Revisão: Carmélia Cândida

Pereira, Terezinha

A copa do mundo sumiu! (O caso dos sumiços da Taça Jules Rimet). Terezinha Pereira. Pará de Minas, MG: Editora VirtualBooks, 2010.75 p.14x20 cm.

ISBN 978-85-7953-261-0

1. Infanto-juvenil. Brasil. I. Título. CDD: B869.8

Livro preparado e editado por
VIRTUALBOOKS EDITORA E LIVRARIA LTDA.
Rua Benedito Valadares, 560 - centro –
35660-000- Pará de Minas - MG - Brasil
Tel.: (37) 32316653 - e-mail: vbooks01@terra.com.br
http://www.virtualbooks.com.br

Para
Cristina, Sílvia, Ana Carolina, Flávia, Laura, Ana Luísa, Maria Fernanda, Júlia e Cecília.

Vocês me inspiraram a "menina" desta história.

A copa do mundo sumiu!

— Vó, a senhora se lembra de tudo, tudinho a respeito de Copa do Mundo?

— Menina, tudinho, tudinho mesmo, sei, não. Se nem a mídia registra tudo que sabe...

— Me conta sobre os sumiços da taça Jules Rimet?

— Ah, já lhe contei. Na Copa passada. Esqueceu?

— Mas eu só tinha onze anos... Nem lembro direito! Sei lá.

— Vamos lá. Da primeira vez, a taça ficou sumida na Itália. Porém, não havia sido roubada.

— Ah! Disso me lembro. Foi durante a Segunda Guerra Mundial!

— Sim. Naquela ocasião, as Copas do Mundo de 1942 e de 1946 haviam sido suspensas. A taça estava no poder dos italianos, que haviam conquistado as Copas de 1934 e 1938. Alguns países da Europa haviam sido ocupados pelos nazistas. O medo era que o troféu fosse confiscado pelo grupo de Hitler ou que Mussolini o retirasse do cofre da FIFA ou do Banco de Roma. Todos precisavam de dinheiro para fazer a guerra. Conta-se que, por causa disso, o vice-presidente da FIFA, Ottorino Barassi, teria posto a taça dentro de uma caixa de sapatos e guardado-a debaixo de sua cama. Foi o sumiço menos

preocupante. He! He! E a taça reapareceu, sã e salva, na Copa de 1950, que foi realizada no Brasil. A seguir, ela viajou para o Uruguai, que foi o campeão daquele ano.

— Depois, a taça sumiu na Inglaterra. Isso também eu sei.

— Lá, foi roubada às barbas da poderosa *Scotland Yard*. Isso, em 1966.

— Da *Scotland* o quê?

— Da *Scotland Yard*, a polícia inglesa. Foi o que ocorreu. O troféu roubado estava sob a proteção da *Scotland Yard*, a lendária polícia que atua na Inglaterra e é reconhecida no mundo inteiro pela sua eficácia desde o início do séc. XIX.

— Quanta eficácia!...

— Dizem que a *Yard* acerta mais do que erra. Mas, como tudo que é comandado pelo ser humano está sujeito a erros... O pior é que há erros que são imperdoáveis.

— Como assim? Erros sem perdão mesmo?

— Sim. Erros em relação à vida. Lembra da morte de Jean Charles de Menezes?

— Aquele brasileiro que morreu lá em Londres, após ser confundido com um terrorista? Ih, vó, esse caso é mesmo de erro imperdoável!

— O mundo vê esse episódio como um dos grandes erros da polícia metropolitana de Londres. E, até hoje, ninguém foi condenado pelo crime nem a brilhante polícia foi penalizada.

— É, vó. Mas, no caso do roubo da taça, não houve erro imperdoável da polícia...

— Menina, o que você sabe da *Yard* em relação a Jules Rimet?

— Estou me lembrando! Já vi muitos filmes que falam sobre essa tal *Scotland Yard* (a senhora sabe do meu gosto por filmes e livros de mistério). Mas, sobre o caso do roubo da Taça Jules Rimet... não me lembro de quase nada.

— Pelo que se sabe, até hoje, a *Yard* não informou quem foi que roubou a taça de ouro que estava à mostra em uma exposição filatélica no *Centre Hall de Westminster*, na Inglaterra, pouco antes do início da Copa do Mundo que seria lá realizada em 1966.

— Não informou? Por não ter descoberto ou pra não pagar mico?

— Se descobriu, não se sabe. E não foi a *Yard* que encontrou a taça.

— Sei. Foi o Pickles, o cachorrinho! Por acaso!

— A imprensa, naquela época, fez comentários irônicos em relação à atuação da *Yard* na condução do caso.

— Mas e o roubo da taça no Brasil?

— No Brasil, o roubo foi elucidado pela polícia do Rio de Janeiro. Não digo que tenha sido esclarecido tim-tim por tim-tim. Sabe-se que, tanto os gatunos que roubaram a taça como os policiais que atuaram no caso, cometeram muitas proezas. Por

derradeiro, a taça original nunca mais apareceu. Os ladrões disseram que a haviam derretido e transformado-a em barras. Ficaria mais fácil para apurarem a grana. O ourives argentino acusado de ter derretido a taça confirmou esse fato. Porém, houve gente que disse que ele teria, posteriormente, negado isso.

— Humm! E a taça, ninguém mais viu.

— Conta-se que o bando não ficou com o ouro nem com a esperada grana proveniente de sua venda.

— Mistério! Quero saber de tudo!

— Curioso é que, em duas ocasiões, o troféu esteve escondido debaixo de alguma cama.

— Debaixo de alguma cama? Nossa!

— Sim. E há uma versão de um estudioso inglês que investigou a viagem do troféu da Copa do Mundo pela Inglaterra, em 1966. Nessa versão, a taça verdadeira não teria vindo para o Brasil após o tricampeonato, em 1970. Se assim foi, a taça roubada no armário da CBF no Rio de Janeiro em 1983 não era a original... Seria uma réplica.

— Se a taça roubada no Rio era uma réplica... Então não devia ser de ouro!

— Menina, mistérios! Sabe? Pelos anos de 1600, Shakespeare colocou, num diálogo entre dois personagens de Hamlet (uma de suas mais conhecidas peças), a frase "existem mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia". Pode ser que, identificados, os ladrões teriam tido vergonha de

assumir que haviam roubado uma taça fajuta folheada a ouro.

— Aham.

— Pois é. Por trás de fatos que envolvem poder, seja ele econômico ou o poder de algum grupo muito forte como a FIFA, existem segredos, mistérios, coisa que nem a imprensa, tida como quarto poder, divulga. É o tal do corporativismo.

— Sei disso, vó. A imprensa só conta o que interessa a ela. E não divulga essas coisas mais secretas... Quero dizer, coisas que gente poderosa não deixa divulgar.

— Isso, menina!

— Então, a taça Jules Rimet que o Brasil ganhou em 1970 não era a "de verdade"? Como a senhora ficou sabendo desse caso contado pelo tal estudioso inglês?

— Li, na *internet*, alguns artigos de um cronista, Simon Kuper, que escreve para o jornal inglês *Financial Times* e para jornais de outros países. Ele fala de um pesquisador, professor e conferencista da Universidade Central Lancashire, Inglaterra, Martin Atherton, que contou, em um livro, assim de maneira bem perspicaz, as andanças do troféu Jules Rimet pela Inglaterra nos meses que antecederam a Copa de 1966.

— Os artigos, quando é que eles foram publicados?

— Em 2006. Um pouco antes da Copa realizada na Alemanha.

— Em que o professor acredita? Que a taça que veio para o Brasil era uma cópia?

— É uma história mirabolante, minha menina. No entanto, já passa de meia-noite. Estou tonta de sono. Conto-lhe amanhã.

— Mas, vó! Como vou dormir esta noite? Vou mor-rer de curiosidade!

— Mas eu estou mor-ren-do de sono! Adianto-lhe que Simon Kuper concluiu seu artigo insinuando que a taça pode estar escondida debaixo de alguma cama latino-americana.

— Vó ! Já está dormindo? A senhora acabou de dizer que o troféu de verdade não veio para o Brasil!

— Longa história! Tem mesmo que ficar para outro dia. Vá pensando que ela poderia ter vindo para o Brasil bem depois do roubo em 1983, por meio de outras pessoas, em circunstâncias bem diversas!

— Quanto mistério!

— Você disse que gosta de suspense! Espere para ouvir mais coisas.

— Já vi que a senhora não vai contar hoje. Então só posso lhe dizer boa noite!

— Boa noite, menina!

Pickles, o caso do cão que encontrou a copa do mundo

— Oi, vó. Tudo?

— Tudo! Boa noite, menina! Não vi você pela manhã.

— Vó, não gosto de te acordar cedo. Não precisa! Com esse frio... Gostou do meu chá?

— Muito! Uma delícia. Como foi na escola?

— Beleza! Sabe? Faltam só cinco figurinhas para eu completar a página do Brasil no meu álbum. No intervalo das aulas, todo o mundo fica trocando figurinhas. Virou moda.

— He! He! No meu tempo de escola, só os meninos colecionavam figurinhas. Os do curso primário. Ao entrar para o ginásio, nem mais achavam graça na brincadeira.

— Isso foi antes de o Brasil ser descoberto, vó! Hoje em dia, não tem mais isso. Há alguns anos, a senhora se imaginaria usando um computador? E, por falar em computador, já falou com mamãe hoje?

— Sim. Conversamos durante meia hora. Ela disse que seu pai está encantado com a Itália. Estavam saindo para passear. Dará um toque quando estiverem no hotel, à noite.

— Mor-ro de saudades deles! Mas gosto muito de ficar em sua casa. E faltam poucos dias para eles voltarem. Hum! Que cheiro bom, vó!

— Fiz o caldo de que você gosta. Vamos nos sentar, que me deu fome.

— Delícia, vó! Ah! Hoje contei pra alguns colegas sobre o roubo da taça Jules Rimet em Londres. Sabe o Matheus, aquele que quase completou o álbum de figurinhas? (Faltam só umas dez.) Ele sabia da história.

— Ele sabia de tudo?

— Ele sabia de uma versão arrumadinha. Parece até que foi contada pela polícia inglesa.

— Como assim?

— Ele disse que a taça da Copa do Mundo roubada em Londres foi achada, poucos dias depois do roubo, por um cão amestrado da *Scotland Yard* e que o ladrão foi preso.

— He! He! He!

— Contei pra ele o que a senhora me contou. Ele não acreditou muito. Deve achar que só brasileiro dá manota. Ah, vó, conta sobre a taça falsa! A que deve ter vindo para o Brasil após o tri. Estou curiosa!

— Vou contar. Mas, antes, vou falar sobre o Pickles, o cachorrinho que encontrou a taça... he... he... que não era nenhum cão amestrado da polícia da Inglaterra. O danado entrou para a história da Copa.

— Oh! Um cachorrinho histórico!...

— Ficou mais famoso do que os astros da Copa de 66. E sua história não teve um final feliz!

— Não brinca!

— Vamos pelo começo, quando Pickles ganhou fama. Fazia uma semana que o troféu havia sido roubado do Centre Hall, de Westminster, lugar imponente. O local era vigiado por guardas de uma seguradora e pela polícia. No momento do roubo, segundo foi divulgado, estava sendo realizado um culto religioso no local.

— Ah! Tinham que arrumar uma desculpa!

— Pode ser. Alguns dizem que havia quatro agentes na guarda da taça. Outros dizem que eram dois.

— E os ladrões? Não foram descobertos, como o Matheus disse, não é?

— De fato, até hoje não foram. E não se sabe se foi só um ou mais de um.

— E a polícia?

— A imprensa anunciava que a *Scotland Yard* estava toda empenhada na busca da taça, que alguns suspeitos haviam sido detidos, mas que não havia testemunhas, não havia provas nem sinal da taça. Houve pedido de resgate. Prenderam um homem de 47 anos, mas não divulgaram o nome dele. A coisa estava séria, pois a data do início dos jogos estava próxima. E o que iriam fazer sem o troféu? O mundo inteiro cobrava explicações. Cartolas brasileiros diziam que um roubo como aquele jamais aconteceria no Brasil, onde até os bandidos eram apaixonados por futebol. He! He!

— Disso me lembro. A senhora me contou. Mas e o Pickles? O que aconteceu com ele?

— Vamos lá com o caso. Numa tarde, David Corbertt, um marinheiro (acho) passeava com seu Pickles por uma praça, quando viu que ele farejava, num jardim, alguma coisa embrulhada num jornal. Aproximou-se e viu um objeto dourado. Ele contou que, somente quando viu os nomes Brasil, Uruguai e Alemanha grafados na taça, desconfiou que aquela coisa seria o troféu da Copa do Mundo que havia sido roubado.

— Deve ter ficado pasmado!

— Ele contou que correu para casa para mostrar o objeto à mulher.

— E ela?

— Nem lhe deu bola. Não gostava de futebol. Então ele pegou o carro e foi à polícia. De imediato, nem a polícia acreditou que fosse a taça da Copa do Mundo. Quando acreditou, mais pasmado Corbett ficou, pois ele foi intimado a depor e ficou detido como suspeito!

— O coitado ficou preso por muito tempo?

— Não. Mas, acho que, naquela hora, quase se arrependeu de haver entregado o tesouro à polícia.

— E o Pickles?

— Foi tratado como herói. Tornou-se o personagem da vez, o cachorro do ano. Uma fábrica de ração ofereceu-lhe comida para doze meses. Foi condecorado com medalhas, que foram postas em sua

coleira. Apareceu em jornais e nas televisões de todo o mundo. Foi destaque no dia da entrega da taça aos ingleses, os campeões daquela Copa. Convidado especial. Tornou-se ator de cinema.

— Uau! Ator de cinema!

— Foi personagem de um filme, *O espião do nariz frio*. Uma comédia inglesa, feita com o espírito da guerra fria.

— Guerra fria. Que que é isso, vó?

— Menina, essa é uma outra história. É sobre o domínio do poder, coisa da Rússia com os Estados Unidos. O ambiente daquela época, muita espionagem... Deixa pra lá. Na verdade, havia um cão personagem nesse filme, no qual puseram um moderno aparelho de escuta, que acabou sendo descoberto. Escolheram Pickles devido a sua fama. Esperavam que o filme fizesse sucesso. E fez. Até recebeu uma indicação de melhor filme estrangeiro para o Globo de Ouro de 1966. O dono do cachorro conta que precisou contratar um empresário para administrar os contratos que iam surgindo.

— Muito chique!

— Mas o sucesso não durou muito tempo. Pickles morreu.

— Morreu?! Coitadinho! Pickles se tornou herói e morreu? Que azar!

— Sim. Cerca de um ano depois. Morte trágica. Ao que parece, teve sina semelhante a dos que se envolveram com o roubo na taça no Brasil.

— É a maldição da Jules Rimet!

— He! He! Tem gente que acredita nisso. Mas o Pickles seria um herói, nesse caso.

— E como foi que ele bateu as botas?

— Corbett, cheio de emoção, contou que passeava com o cãozinho e com o filho de seis anos quando o animal fugiu. Perseguia um gato. Passaram-se uns vinte minutos e ele não havia retornado. Assim, saíram em sua busca, até que o encontram morto.

— Morreu do coração?

— Coração? Que nada! O gato que ele perseguia havia subido numa árvore. Parece que o Pickles queria subir atrás dele, e sua coleira medalhada agarrou-se num galho. Ele acabou morrendo enforcado pela própria coleira.

— Que dó!

— Teve até velório! E o cachorrinho foi enterrado no quintal da casa do dono. Casa que ele pôde comprar com o dinheiro que ganhou com a fama do bichinho. Pudera! A mídia do mundo todo pagou para ver e ouvir a história do cachorrinho que havia encontrado a taça Jules Rimet.

— Vó! Estou atrasada! Já são quase seis da tarde e tenho que sair. Tenho balé e aula de italiano e ainda quero falar com papai e mamãe pelo computador.

— Pelo jeito, o caso da troca da taça vai ficar para amanhã.

— Ai, ai. Mais um dia de espera... Quem sabe me conta mais, depois das 10 da noite?

— He! He! He!

Taça Jules Rimet: verdadeira ou falsa?

— Oi, vó! Estou morta! Puxa!

— Oi, querida. Ué, o que foi? Você nunca se cansa!

— Hoje me cansei. O professor de educação física! A aula de hoje foi só futebol. Corri demais e não marquei nadinha! O Matheus ficou no gol da minha turma. O-di-ou! Ninguém queria ficar. Foi premiado. No sorteio! Que fome, vó! Vou tomar um banho, rapidinho.

— Enquanto isso, ponho a mesa. Sabia que viria mais cedo. Fiquei esperando para almoçarmos juntas.

— Vó, como foi mesmo a troca dos troféus?

— Vá tomar seu banho tranquila, menina. Calma! Quando estivermos almoçando, lhe conto.

— Dá pra gente conversar mesmo assim, vó. Deixo a porta do banheiro entreaberta.

— Ah, menina! Certo. Mas vamos deixar a troca de troféus para daqui a pouco, tá?

— Tá bom, vó. E mamãe e papai? Você já falou com eles hoje?

— Um pouco. Estavam saindo para outro passeio. Sua mãe disse que os italianos estão injuriados com a seleção. Envergonhados! Pudera. Chegam à África do Sul como campeões e saem na primeira etapa, sem ganhar uma partida! Os jornais de lá falam em falência do futebol italiano, mas dizem

que os *azzurri* não foram muito vaiados ao desembarcarem. Só um pouquinho.

— Fala não, vó. Que chato! Eu queria muito um jogo com a Itália na final. Papai e mamãe dizem que as finais de 70 e de 94 foram emocionantes!

— Como foram! Os 4X1 de 70, lá no México... Para mim, foi fantástico! Foi a primeira vez que vi os jogos pela televisão. O Pelé esteve perfeito, e outros jogadores também, que até hoje são lembrados: Gérson, Carlos Alberto, Piazza, Rivelino, Tostão. Era um tempo de muita técnica, de raça. E não havia essa dinheirama da mídia rolando, como existe hoje.

— Papai fala mais da Copa de 94, nos Estados Unidos. A final foi disputada nos pênaltis.

— Nossa! Que agonia! 0x0 no tempo do jogo. 0x0 na prorrogação. 3x2 nos pênaltis. E viva o Roberto Baggio, que deu um chutaço para o alto! Nós, aqui do Brasil, custamos a acreditar no que acabávamos de ver. Eu ainda fiquei esperando a bola entrar. Um sofrimento. E uma noite gloriosa. Muita festa, muito foguete.

— Não gosto nem de sonhar com derrota na Copa. Esta é a Copa da minha vida. Nunca esperei tanto! Ainda bem que o Brasil passou pras oitavas de final. Que venha o Chile! Ih, vó! Estou pensando: será que os italianos estão todos mal humorados?

— Ah, menina, sei não. Mas não será isso que vai estragar a estada de seus pais na Itália. Nossa! Que banho de gato! Vista a roupa logo, que está muito frio!

— Preocupa, não. É só fome e curiosidade, vó. Hum! Sua comida tem cheiro tão bom! Que saladão é esse aí?

— Gosto de cozinhar. Você só chega faminta. Então, tudo está bom.

— Pronto, vó, já estou vestida.

— Como você é rápida em tudo! Venha se servir. Já estou me servindo.

— Quanta delícia!

— É pra comer direito, viu?

— Certo. Agora conta, vó. A senhora falou sobre um jornalista inglês, o que falou dos achados de um pesquisador, o do livro que fala da troca da taça Jules Rimet original por uma réplica. Agora me conte como a senhora descobriu esse caso, o artigo do inglês.

— Em alguma ocasião, na década de 90, eu já havia lido alguma coisa a respeito de um leilão da réplica da Jules Rimet. Porém, foi em 2006, nas vésperas da Copa desse ano, que li uma história em quadrinhos publicada na *Superinteressante* que falava sobre a taça falsa. Você sabe, a revista era sua. Deve ter lido. Lembra que falamos sobre isso, naquela Copa? Guardei a revista. Tenho que procurá-la para você ler de novo. O título da história era *Derreteram a taça errada?* Bom, poucos dias antes, eu havia visto um programa de tevê em que contaram o caso do roubo da taça no Brasil. Era um programa sério, mas foi muito divertido. Não me lembro de haverem feito alguma alusão à troca do troféu. Depois do programa,

a tevê abriu um *chat* no seu *site*. Esse *chat* contou com a presença de um promotor, o que havia atuado no caso do roubo da taça no Brasil.

— E a senhora entrou no *chat*? O que o promotor revelou?

— Entrei. Fiquei só na "escuta". Mas, calma, menina. Primeiro vou lhe contar sobre a troca da taça. Outra hora falo do *chat*... He! He! Pesquisei na *internet* o nome de Simon Kuper, o autor da reportagem que originou a história em quadrinhos na *Superinteressante*. Encontrei registros do caso somente em inglês. O único texto brasileiro onde li sobre o assunto foi mesmo a história em quadrinhos da revista. Achei referências ao livro de Martin Atherton, *O roubo do troféu Jules Rimet*, que conta das andanças da taça. Martin seguiu o trajeto percorrido pela taça no ano de 1966. Ele fala do roubo da taça na Inglaterra, de seu encontro pelo Pickles, da entrega dela aos campeões ingleses após a Copa daquele ano e levanta uma suspeita de que o troféu original nem tenha vindo para o Brasil após o tri. Acho que tem fundamento.

— Mas por que esse "acho"?

— Por causa do tal leilão de uma réplica da Jules Rimet, ocorrido em 1997, na Inglaterra. Esse fato foi registrado pela imprensa. Kuper fala sobre esse leilão em seus artigos. Conta ele que, no catálogo do leilão, o lance inicial estipulado para a aquisição da "réplica" era de vinte a trinta mil libras. Na batida

final do martelo, a taça saiu por duzentas e cinquenta e quatro mil e quinhentas libras. Esse valor, hoje, seria o equivalente a um milhão de reais... He! He! He! Uma taça falsa poderia valer tanto?

— Muita grana! E quem levou a taça?

— Ah! Foi feito muito sigilo sobre isso. Mas, neste mundo, pouco se esconde. Quem arrematou a danada foi a FIFA.

— Nossa! A FIFA, vó? Então, a peça que foi a leilão só podia ser a taça verdadeira. Ouro puro!

— Após a compra, continuaram dizendo que a taça leiloada era, de fato, uma réplica. É a que está em exposição em Preston, no Museu Nacional de Futebol da Inglaterra, o mesmo museu onde está exposta a coleira medalhada do Pickles.

— Quando eu for à Inglaterra, tenho de visitar o Museu do Futebol. Mas a FIFA não mandou examinar a taça antes do leilão? Se o próprio catálogo anunciava que era uma réplica!

— O boato sobre a troca havia chegado aos ouvidos dos cartolas. Queriam porque queriam a taça original. He! He! He! Justificaram dizendo que examinar a peça antes do leilão exigiria técnica, despertaria suspeitas, essas coisas... É sabido que, depois que a taça foi roubada na Inglaterra, a preocupação foi grande. Antes mesmo de a taça verdadeira ser encontrada, fizeram a réplica. Sem autorização da FIFA, dizem. Quem a fez foi George Bird, um ourives que costumava fazer troféus para

campeonatos ingleses. Há uma versão da história que conta que o capitão da equipe inglesa, logo que recebeu a taça das mãos da rainha da Inglaterra, dançou um pouco, levantando-a. Em seguida, chegou um policial que lhe tomou o troféu e logo o devolveu. Supõe-se que o policial tenha dado a taça falsa ao capitão e que ninguém percebeu a troca. Fizeram isso por medo de a original vir a ser roubada no meio da multidão de pessoas que comemoravam a vitória da Inglaterra. Não há registros de que o policial tenha entregado a taça, que deveria ser a original, a algum cartola.

— Aí tem um buraco na história, né, vó? A taça original poderia ter caído em outras mãos naquela hora...

— Poderia. Teria sido entregue ao Bird? Teria ficado com o policial? Haveria mais de uma réplica? Se a "réplica" foi levada a leilão em 1997, pela própria família dele, dois anos após sua morte... Bem que pode ter sido feita mais de uma réplica. Menina, sou eu que estou levantando esta hipótese. He! He! Se o Bird era um ourives, se ele era quem transportava a taça pela Inglaterra afora nos dias que antecediam a Copa de 66 e se, por essa razão, ele temia que o caneco fosse roubado e teria sugerido a moldagem de uma réplica!... Encaixa, não é mesmo?

— Vó, calma aí. O homem transportava a taça original pela Inglaterra? Sozinho? Como?

— Como você viu no noticiário, meses antes da última copa, a Taça FIFA fez um giro pelo mundo, chegou à África do Sul, foi recebida pelo grande Nelson Mandela em Joannesburg e depois percorreu o país, passando por diversas cidades para ser vista pelo povo. Esse passeio que a taça faz já é costume antigo.

— Ah, vó. Amo o Mandela. Prêmio Nobel da Paz! E foi ele quem convenceu os poderosos a realizarem esta Copa na África do Sul. Tenho certeza de que, se existissem mais homens como ele, nosso mundo seria tudo! A senhora ia dizendo que a taça costuma passear...

— Na Copa de 66 houve também exposição da taça pela Inglaterra, e quem a transportava pelas redondezas de Londres era o George Bird, no cesto de sua bicicleta.

— Não acredito! Como assim? No cesto de uma bicicleta?

— Está naquele artigo de que lhe falei, a respeito do livro escrito pelo inglês Martin Atherton, que diz haver levantado o trajeto do passeio da taça pela Inglaterra. Bird transportava a taça, coberta por um pedaço de pano, no cesto de sua bicicleta. De noite, a taça ficava debaixo de sua cama. Li sobre isso. Acontecido o roubo em Londres, Bird sugeriu que fosse feita uma réplica para ser exibida aos torcedores antes da Copa.

— Estou boba, vó. De dia, num cesto de bicicleta, coberta por um pano. De noite, debaixo da cama do homem. E ele fez a cópia da taça?

— Segundo o que foi dito no tal artigo, a FA, Associação de Futebol da Inglaterra, um órgão como a CBF aqui no Brasil, pediu autorização à FIFA para produzir a réplica, mas a FIFA teria negado. No entanto, a FA teria autorizado ao Bird que fizesse a peça. E ele fez um troféu de bronze, folheado a ouro, e o teria entregado à FA. Pelo que se supõe, naquele momento passaram a existir duas taças, a original, feita a pedido de Jules Rimet para a primeira Copa do Mundo, e a cópia, produzida pelo ourives George Bird, experiente fazedor de troféus para campeonatos na Inglaterra. De modo que, aos olhos de um desconhecedor de joias, como aos de qualquer um de nós e mesmo de dirigentes de entidades de futebol, as duas peças pareciam idênticas.

— Entendi! Se ele fez uma cópia, pode ter feito mais de uma. A senhora tem toda razão ao levantar essa hipótese. Neiiimmm! Que bagunça! Pera aí. O celular, vó. É o Matheus. [—Oi, Matheus! Estou indo. Esqueci-me das horas. Vovó estava me falando da troca das taças. Vou lhe contar tudinho. Estou indo.]

— Vó, combinei com o Matheus. Vamos trocar figurinhas lá no clube, antes da natação. Tchau!

— Ah! Com o Matheus, hein, menina!

— Tem nada não, vó. É meu colega de sala. Só isso. Quando eu chegar, me conta mais?

— He! He! Os olhos desta menina estão brilhando, brilhando...

Antes da história, um triste jogo

— Ah, neimmm, vó! Que saco! Estou p. da vida! Deprê! Nem uma caixa de tarja preta acabaria com minha tristeza. Com a nossa tristeza.

— Oi, querida? Você nunca precisa de remédios!

— Fala não, vó. Estou acabada. Um caco. Quero morrer! Quando a Holanda fez o primeiro gol, Matheus e eu nos ajoelhamos. Vimos o resto do jogo ajoelhados. Acreditava nesta Copa. Precisavam expulsar o Felipe Melo? Precisava entrar aquele gol? Nem vimos de onde saiu a jabulani! Que saco! Malditos holandeses!

— Menina! Já conquistamos 5 Copas! A Holanda não ganhou nenhuma...

— Ah, vó. Fala, não. Esta seria a minha Copa! Na última que o Brasil ganhou, eu tinha 7 anos. Só me lembro que acordamos cedinho para ver a final, sabe? Neiiimmm! O Brasil deveria ter perdido para o Chile nas oitavas de final. Se era pra sofrer... Vou rasgar meu álbum de figurinhas. Bom, só as páginas do Brasil. Não. Vou doar o álbum. Dar de presente.

— Ué, você é Brasil somente nos dias de Copa? Deixa pra lá, menina! Repare que nada vai mudar na sua vida. E verde-amarelo são as cores que representam nosso país e não o futebol de nosso país. E você disse que vai levar todas as suas camisetas

verde-amarelas quando for viajar para seu intercâmbio.

— Vou mesmo. E vou levar muitas pra dar de presente. Bem que eu podia estar na Itália com papai e mamãe. Que bom que podem ficar por lá mais vinte dias! Podem fazer os cursos que quiserem. E sofrem menos. Ficam longe deste povo deprimido.

— Povo deprimido? Nem tanto. A vida continua. Quando minhas amigas saíram daqui de casa depois do jogo, fui fazer minhas compras. O supermercado estava lotado. As pessoas se cumprimentando, rindo. Parecia que não havia acontecido nada!

— Nada, vó? Se tem um buraco no meu coração? Um buraco na minha bandeira. Um rombo na minha alma. Passou um trator por cima de tudo. A senhora não estava lá no clube para ver a cara da galera. Muita gente chorando.

— Menina, é a mídia que manipula nossas expectativas. Esperávamos muito de nossa seleção. A Copa era o assunto do momento, desde o início do mês passado, desde o começo deste ano. Para quê? Para vender refrigerante, cerveja, carros novos, celulares, artigos esportivos. Reparou que cada canal de televisão tem seus anúncios? São anúncios que chegam a milhões de pessoas. E imagine que tal coisa ocorre no mundo inteiro! É muito dinheiro que é movimentado em função de uma Copa do Mundo.

Justamente para despertar nas pessoas o desejo de comprar.

— Vó, não disfarça! Nem toda a grana do mundo acabaria com minha tristeza.

— O tempo fará com que ela passe. E na sua idade... Acha que vimos, pela televisão, o Brasil ganhar as Copas de 58 e de 62? Só ouvimos pelo rádio. E olha que não eram boas transmissões. Muito ruído! Só em AM. Não me lembro de lojas e casas enfeitadas de verde-amarelo nem de pessoas usando essas cores, como vemos hoje. Que houve muito foguetório, isso houve. E também pessoas correndo pelas ruas quando gritavam goooooooooool! Parecia que os gols tinham longa duração, que os passes eram mais ligeiros. Com o grito do narrador, o som do rádio ficava mais alto e, muitas vezes, sumia. Então, pairava um silêncio na sala. De quem teria sido o gol? Custávamos a saber. Ah! As imagens de Pelé, de Garrincha e dos outros, víamos no cinema, meses depois da Copa, em preto e branco. Que beleza! Torcíamos como se o jogo estivesse ocorrendo naquela hora. Copa transmitida ao vivo, no Brasil, só pudemos ver em 1970. Quem tinha aparelho moderno, viu em cores. Para mim, a Copa de 70 foi gloriosa! Já lhe contei. Sabe que tive uma grande decepção quando fui a um campo de futebol?

— Decepção? A senhora vive de boa!

— Sim. Não havia narrador. Tive a impressão de que o jogo era muito lento, que ninguém corria em

campo. Menina "direita" nem passava perto dos lugares onde meninos jogavam peladas. Como iria saber como era um campo de futebol?

— Fala sério, vó. Acho que nenhuma história sua hoje vai me consolar. A senhora contou que saiu de casa após o jogo, que as pessoas no supermercado agiam como se nada de muito ruim tivesse acabado de acontecer. Que coisa! Em poucos minutos, o povo já havia desmontado o cenário da festa. Gastamos dias e dias construindo, para acabar com tudo em pouco tempo? Neiiimm! Como se explode com um clima de alegria em poucos minutos!

— Você falou em cenário! Será que agimos assim para apagar todos os elementos que nos fazem lembrar a dor? Bandeiras arriadas, o retorno ao dia a dia. E tudo ficou como dantes no quartel d'Abrantes!

— No meu coração, não! Ainda estou passada! Quando saímos do colégio às 10 horas, tudo era verde-amarelo. Nossas roupas alegres. Cabelos pintados. Carros circulando pra todos os lados. Bandeiras do Brasil tremulando nas janelas. Buzinas. No clube, aquela euforia! Começa o jogo, o silêncio. Logo, os gritos de gol do Brasil. Que beleza, tudo verde-amarelo! Então, vem a Holanda e colore tudo de laranja. Que gol mais bobo! Depois vem o segundo. Ai, que horror! Havia esperança. Mas que angústia! Aquele time do Brasil que havia jogado o primeiro tempo não podia ter mudado tanto! Precisava provocar sua própria expulsão, o Felipe Melo? A

pisada que ele deu no holandês! Que saco! Quando acabou, eu queria matar o Dunga! Matar todos os jogadores. Enforcar. E o Kaká, um gato, mas não fez nadinha nesta Copa. Vou torcer pra Espanha, pro Paraguai, pra Gana. Qualquer um desses países tem que chegar à final. Não pode chegar um campeão mundial, como a Alemanha, que é tri. Nem a Argentina ou Uruguai, que já levaram duas Copas. Que ódio! Até chegar 2014!

— Menina, 2014 chega rápido!

— Não vem com isso, vó! Quatro anos! Uma eternidade. Já terei estudado um ano na Itália. Já estarei na faculdade. 19 anos! Não vai ter graça mais. Isso, se eu não bater as botas hoje. Estava te falando da festa desmanchada. Ah, não canso de pensar nisso! No começo do dia, parecia que era feriado. Lá no clube, ficou aquele clima de velório. E, pouco depois, as lojas estavam abertas, os bancos também. As pessoas circulavam normalmente, como se nada tivesse acontecido! Eu e Matheus ainda de verde-amarelo, bandeiras enroladas ao corpo. Como pode?

— Chore, menina. Solte seus sentimentos. Você já desistiu de ouvir sobre o roubo da Jules Rimet no Brasil?

— Agora é taça FIFA, né, vó? É. O nome desse troféu não tem nada de romântico! E nenhuma equipe fica com ele para sempre. Nem se for hexa.

— É. Taça FIFA não é mesmo um nome muito original. O Brasil deveria ter ficado com a Jules

Rimet, e ela sumiu. Ninguém sabe. Ninguém viu. Agora, a taça FIFA. Só vai uma réplica para o país ganhador. O troféu original fica de posse da FIFA. Passeia pelo mundo alguns meses antes de cada Copa. Sabe, a FIFA é poderosa, importante. Tão importante que nem gosta de falar em português. He! He! He! Uma amiga fez uma consulta no *site* da FIFA. Queria saber a respeito da taça, se a peça que viaja pelo mundo antes da Copa é mesmo a original. Recebeu uma resposta seca, em bom português. Disseram que a FIFA publica seus comunicados e se corresponde unicamente nos quatro idiomas oficiais da entidade: inglês, francês, espanhol e alemão.

— Que chique, né? Disseram tudo isso em português e não puderam dizer nada sobre a taça FIFA? O João Havelange, que foi presidente da FIFA, não é brasileiro? Será que, quando era presidente, a FIFA falava em português? Há mais falantes de língua portuguesa no mundo do que de língua francesa ou alemã.

— He! He! He! O Havelange ainda é presidente da FIFA. De honra. Está com mais de noventa anos e ainda curte futebol. O que minha amiga estranhou é que podiam ter-lhe respondido em qualquer uma das quatro línguas que usam em suas comunicações. Por que não? Será esse um assunto a ser guardado no cofre?

— Vó, o celular! Está tocando lá no quarto. Já são quase seis horas. O Matheus ficou de passar aqui.

Será que posso ir ao cinema com ele? Estou louca para ver *Eclipse*. Não vou jantar com a senhora hoje. Vamos comer um sanduíche após o cinema com a galera para falarmos do filme e do livro.

— Vai, menina. Cuidado com o coração. Será que aguenta? De manhã, atropelado por um trator. De noite, derretido com o beijo de Bella e Jacob.

— Derretida parece ter sido a taça da história que a senhora vai me contar. Ou não?

Uma conversa na varanda

— Oi, vó! Tudo? Olhe minhas unhas! Bandeira da Holanda, bandeira da Espanha! Torço pra qualquer uma na final!

— Tudo, menina! O jogo acabou há muito tempo. Hoje você demorou. E chegou alegrinha.

— É dia de capoeira lá no clube. Esqueceu? A galera estava toda lá. Troquei onze figurinhas. Completei a página da Alemanha. Chiiii! Torci contra a Alemanha, vó. Nada contra o país. Não queria que algum campeão mundial ganhasse esta Copa. A senhora sabe, nesta Copa sai o oitavo campeão do mundo. O Matheus disse que agora está criado o G8 do futebol. Os países mais ricos de troféus! E o Brasil, vó, tem cinco. A Alemanha tem três. Se ganhasse, ficaria com quatro. Riqueza quase igual à nossa.

— He! He! He! G8! E como se tem de correr atrás de uma bola para entrar nesse grupo...

— Zilhões de quilômetros!!!!! Vó, vamos jantar? Estou morta! E nem senti cheiro de comida!

— Ué. Já esfriou.

— Fique aí na varanda que vou esquentar a comida e pôr a mesa. Quando estiver pronta, te chamo. Ah! Depois do jantar, vou deitar nessa outra rede e a senhora vai me contar a história que ficou devendo. Vó, falei com mamãe e papai. Estão

adorando o curso. Mamãe disse que já *parlano molto bene* o italiano.

* * *

— Oi, vó, a comida. Que maravilha de macarrão! Venha, que a mesa está pronta. E, enquanto comemos, me conta o caso do roubo da taça no Rio de Janeiro? Nossa, vó! Estou pensando... A taça foi roubada em 1983, treze anos depois de chegar ao Brasil com a conquista do tri. Ela ficava assim exposta numa vitrine, sem segurança... Será que era mesmo a original, de ouro, a que foi roubada?

— He! He! Quando nos falam sobre tantas estripulias, pessoas, seguranças, falta de segurança, sumiços fora e dentro do Brasil, FIFA... ficamos ressabiados. E tem mais! O argentino Hernandez, que aceitou ser o receptador da taça roubada no Brasil, ora disse que a derretera, ora que não. Seu comércio de ouro e joias ficava numa rua do Rio conhecida como "Serra Pelada". Era chamada assim por causa de muitas ourivesarias clandestinas que havia por lá. Bem, se ele não derreteu a taça... será que ela não era de ouro? Ou ele a teria feito em picadinhos, como contaram os sujeitos implicados no caso? O cadinho, a aparelhagem do negócio do Hernandez, só tinha capacidade para fundir peça pequena.

— Vó, a taça não apareceria. Nunca! Na certa, a imprensa do país e do mundo só falava do roubo! Ela

pode ter sido vendida, inteirinha, pra algum colecionador e estar no Brasil ou em qualquer parte do mundo. Isso, se os jogadores tiverem trazido a taça original... Vou olhar de novo embaixo da minha cama...

— He! He! He! O curioso na história é que a CBF guardava uma réplica da taça no cofre. (Haja réplicas!) Isso deu o que falar. O povo ficou injuriado. Com efeito. Guardar no cofre a cópia de um troféu de material barato e com ouro só na pintura e deixar uma peça de valor inestimável numa vitrina, numa sala onde circulava todo tipo de gente! A vitrina era de vidro blindado, mas com moldura de madeira, pregada a prego, coisa que qualquer pé de cabra resolve. Disseram que essa réplica havia sido moldada no Brasil em 1981 para que a original não precisasse sair da sede (especula-se isso). Por que a peça guardada no cofre era a falsa?

— As duas taças poderiam ser falsas... Coisas malignas são comigo mesmo! Estou gostando. Como surgiu a ideia do roubo?

— Você não tem nada de maligno, menina. Adora aprontar, mas não prejudica ninguém. Vamos lá. Como em toda boa história policial, os envolvidos têm seus apelidos. Nesta, tem Broa, Peralta, Bigode, Barbudo... Peralta foi quem teve a ideia, ele vivia dentro da confederação. Ah, lembrando do ouro... Foi falado que o ouro em barras também não apareceu. Deram sumiço nele, venderam-no. Agora, se não

havia ouro para derreter, os bandidos ficaram com cara de tacho. Ourives que compra gato por lebre?

— É, vó. Mas até a FIFA comprou. No leilão. Mas pode ter comprado a taça verdadeira e dito que havia se enganado, que era uma réplica. Pagar um milhão? Quando eu for ao Museu do Futebol, na Inglaterra, vou dar um jeito de pôr a mão nessa taça.

— He! He! Há mais mistérios nesta terra do que.... Já sabe. O que causou muita chacota foi que o Hernandez, pouco depois do sumiço da taça, colocou uma placa no seu negócio: "AURIMET". Como você sabe, "au", símbolo do ouro, e Rimet. OuroRimet! Atrevido o homem, né?

— Fala sério, vó! Ele foi preso?

— Por causa desse roubo, não. Foi indiciado. Como os outros envolvidos, respondeu ao processo em liberdade. Enquanto corria o processo, escafedeu-se. Foi julgado à revelia. Levou pena por receptação. Nas entrelinhas da mídia, deu que ele aceitou derreter a taça porque precisava financiar uma carga de heroína que vinha de lá das bandas da Turquia. Isso pode ter fundamento. Quando foi julgado, cumpria pena na França, por tráfico de drogas. Tempos depois, foi preso numa rodoviária em São Paulo. Carregava cocaína. Dos envolvidos, até há pouco tempo, era o único que ainda estava vivo.

— Mesmo? Hum... que delícia, vó! Comi até! Vamos para a varanda curtir a rede. O céu está uma beleza. Nossa, vó! Isso tá mais pra ficção!

— Mas é caso acontecido! He! He! He! Você sabe, pois já lhe contei. E esse caso deu filme, programas de tevê. Um curta, *O argentino que derreteu a Jules Rimet*, lançado na época da Copa de 2006, foca mais o Hernandez. Foi feito por paranaenses. Roteiro de Sérgio Zandoná, ajudado por Ewaldo Schleder, e direção de Jota Eme. No filme, o ourives derreteu mesmo a taça e mais as outras que foram levadas junto com ela.

— Outras taças?

— Ué, não havia lhe contado? Com a Jules Rimet, levaram outros troféus de estimação: o Jarrito de Ouro ganhado pelo Pan-Americano em 56; a Taça Independência, prêmio do Torneio do Sesquicentenário, de 72 (esta era adornada com esmeraldas e brilhantes). E mais: a taça que a seleção brasileira havia recebido por ter sido vice-campeã de 50, quando o Uruguai ganhou a Copa aqui no Brasil, uma taça que era de material barato. Por causa de terem levado o troféu de material barato e por terem deixado para trás uma peça que também estava na sede da CBF, com base de ouro e de valor muito maior que o do troféu do tricampeonato de 1950, os acusados foram chamados de ladrões de galinha. Se nem tinham ideia do que estavam roubando...

— Neiiimmm! A senhora viu esse filme? Deve ter visto. Não perde um.

— Vi. Lembra daquela viagem que fiz ao Sul com minhas amigas? Em Curitiba, quando passamos

pela biblioteca pública, vimos um anúncio do filme. Como naquele ano havíamos visto um programa na televisão, o que originou o *chat* de que lhe falei, fomos ver a película. Não é um grande filme, mas é bem divertido. Mistura tudo: roubo da taça, Guerra das Malvinas, presidente da Argentina, tortura policial da época da ditadura (em 83, ainda vigorava o sistema de ditadura no Brasil). Um balaio de gatos.

— "Põe" gato. Melhor: "põe" gatuno nesse balaio!

— E tem também a maldição! He! He! Alguns curitibanos que viram o filme conosco falaram de Paulo Friebe, diretor e ator muito conhecido em Curitiba que fez seu último trabalho como ator nessa fita. Disseram que morreu nas vésperas do lançamento, aos quarenta e poucos anos. Derrame cerebral. Falaram da tal maldição. Lembra do Pickles, que morreu enforcado com a própria coleira? Os envolvidos no caso do Brasil também tiveram morte prematura, se não trágica. O Barbudo foi assinado num bar, num bairro perto do Santo Cristo, onde planejaram o roubo da taça.

— Santo Cristo? Não é Cristo Redentor?

— Santo Cristo. Um bairro próximo ao porto, no Rio de Janeiro. Um desses lugares onde tem gente boa, mas onde costuma juntar gente sem ocupação. Como nas proximidades de rodoviárias, você sabe. Como ia dizendo sobre a maldição, o Broa escapou da prisão, pois não havia participado do roubo. Só havia

sido convidado porque era um bom arrombador de cofre. Ele morreu num acidente de carro. Bigode ficou foragido por muito tempo, mas acabou sendo preso. Sabe-se que, no final das contas, todos morreram sem dinheiro e sem amigos. Dizem que o Peralta, que havia sido o idealizador da trama, costumava falar com os amigos que aquilo era pouco ouro para muito bandido. Ui! Ui! Está frio aqui. Me passa a manta que está na mesinha a seu lado, por favor?

— Aí está.

— Oh. Muito obrigada.

— De nada, vó. Continuando... A senhora falou de outros filmes.

— Tem o *Casseta e Planeta – A taça do mundo é nossa*. Hilário. Em pleno desfile do tricampeonato, a taça é retirada das mãos dos jogadores. Tratam o caso como se a história verdadeira da taça tivesse ficado escondida pelo regime militar durante trinta anos. A turma do Bussunda é ótima. O Carlos Alberto Torres e o Jairzinho, que foram jogadores da seleção, atuaram nesse filme.

— Vóóóó! O Bussunda também morreu de repente, na Alemanha, na Copa do Mundo passada, com pouco mais de quarenta anos! É a tal da maldição!

— Menina, contar casos para você é uma graça! São os acasos da vida!

— Ah. O interfone. É a Aninha. Ficou de vir para terminarmos o trabalho de Geografia.

— Terminar um trabalho, a esta hora?

— Ela tem aula de inglês, à noite. Só podia vir depois da aula. Não vamos demorar.

— Menina, quando vocês terminarem, já estarei fazendo duas da manhã. He! He!

O princípio de um mistério

— Vó, comi demais. Sua feijoada é tudo! Vou lavar a louça. Ufa! Que bom! Hoje vou ver o jogo com a senhora. Vai dar Alemanha ou Uruguai? Tô nem aí. Vou torcer pra seleção que fizer o primeiro gol, está decidido. Ah, mas, se for a Alemanha... sei, não.

— Já me acomodei aqui na rede. Venha para cá, quando terminar sua tarefa. Menina, vou sentir muito sua falta. Não demora, seus pais chegam e você volta para casa.

— Também vou ficar com saudade, vó. Estar com a senhora é tudo de bom. Sinto falta de papai e mamãe. Ah... Quando chegarem, vamos conversar em italiano. Preciso praticar. Janeiro chega rápido e estarei indo. Iiiih... Lá, vou sentir saudade da senhora, do papai, da mamãe, da galera.

— Será uma grande experiência para você.

— Será, sim! Vó, já estou chegando...

— Puxa, já terminou de lavar a louça?

— Sou esperta, vó. Fui lavando tudo antes. E a senhora não falou que era para deixar a comida que sobrou nas panelas? Então, ficou pouquinha coisa para eu lavar agora.

— Está bem, menina! Venha se ajeitar aqui comigo.

— Ai, que delícia de vento! Adoro ver o balançar dos galhos das árvores e das flores no seu jardim. Pode começar, vó. Lembro que, uma vez, a senhora contou que, bem antes de a Jules Rimet vir pro Brasil após o tri, havia saído um filme sobre o roubo da taça.

— Falei? Chi... Já faz tempo! Vou ver se me lembro... Foi um filme com o Golias, com o Grande Otelo... e mais alguns comediantes da minha juventude. O Tutuca! Ele, você gostava de ver na televisão. Deve ter conhecido mais alguns desses atores em filmes ou em programas daqueles antiguinhos, você gosta de humorísticos. Acho que, da equipe que participou desse filme, não sobrou uma alma viva. Nem o diretor, Victor Lima Barreto, nem os atores. Ou estou enganada e talvez possa ter algum vivo, atuando ainda? Pode ser. Ah, lembrei-me do título: *O homem que roubou a Copa do Mundo*.

— Credo, vó! Premonição?

— Dos roubos? Até que o filme pode ter sido um sinal de alerta. Ele foi feito uns três anos antes do roubo na Inglaterra. He! He! O troféu era mesmo muito cobiçado. Lembro de pouca coisa do enredo. Detetives trapalhões, isso havia. Como os que atuaram nos casos dos roubos que, de verdade, ocorreram. A diferença, nessa fita, é que a copa do mundo foi roubada por uma mulher. E não sei mais de nada.

— Noooó, vó! Poxa! O jogo não demora a começar. Conta de novo o caso do roubo no Brasil?

Desde o começo? Assim, de uma vez só, como a senhora conta casos de assombração.

— Causos de assombração?

— Sim. Casos de assombração, a senhora conta o caso inteirinho e eu escuto sem interromper. Sou só ouvidos.

— Era uma vez... Bem, acho que não costumo contar causos mal-assombrados começando assim. He! He! Esse caso até que parece ser um causo. Tem muita embrulhada. É mais para rir do que para arrepiar. Vamos lá. Era véspera de Natal, época em que as associações esportivas vão ficando sem movimento. Muita gente de férias. O povo distraído nas ruas, fazendo suas compras. Os cartolas de férias. Lá na rua da Alfândega, no nono andar de um prédio, ficava a sede da CBF, bem no centrão do Rio. Desde antes daquele dia e até hoje, há mendigos dormindo sob marquises nas ruas deste país rico e pobre. Era madrugada, e uma mendiga dormia sob a marquise daquele prédio. De repente, ela é acordada por gritos de socorro vindos de dentro do edifício. Assustada, chama a polícia, que logo vai ao local. Seguindo a polícia, foram os repórteres do plantão noturno. Encontraram, amarrado, o vigia do prédio, que disse que, lá pelas nove da noite, quando não havia mais movimento no imóvel, dois homens tomaram-lhe a chave da sede da confederação e depois o amarraram e o amordaçaram. Sem poder fazer nada, ele só viu que os dois homens saíram levando uma sacola de

lona verde com alguma coisa dentro. Esperou cerca de duas horas e, quando não ouviu mais nenhum ruído no prédio e conseguindo se livrar mordaça, pediu socorro. Polícia e repórteres foram tomados de surpresa. O que teria sido subtraído da sede da CBF? Maior foi o espanto deles, da polícia e dos curiosos que foram se juntando no local, quando deram fé do que havia sido roubado. Primeiro, viram que a moldura de madeira, que servia de suporte para a vitrina de vidro à prova de balas, havia sido arrancada. E o pior: quatro troféus, conquistados com suor e garra pela seleção brasileira, não estavam mais lá (a taça Jules Rimet e as outras de que já lhe falei outro dia). A informação sobre o roubo das taças se espalhou pelo país. Haviam roubado a copa do mundo, um caneco que levou anos para ser conquistado! O povo se mostrou indignado ao saber das notícias pela mídia e, ainda mais, quando soube da falta de cuidado com a segurança dos valores que eram depositados na sede da confederação. Outra coisa que provocou muita falação foi a tal notícia de que existia uma réplica da taça, peça de pouco valor, que era guardada no cofre de aço da confederação.

— Que bagunça, hein? Ui! Falei. Eu disse que ia lhe ouvir caladinha. Oh! Gol! Alemanha! Vó, será que torço mesmo para a Alemanha? Estou achando o Uruguai mais simpático. Mas, falei, tá falado!

— Menina, não é que seria bom vermos o restante do primeiro tempo? No intervalo, continuaremos com o caso.

Voa, canarinho, voa

— Vó, o Uruguai jogou um bolão. Podia ter ganhado.

— Mas você estava torcendo para a Alemanha!

— Buáááá! Que Copa mais tosca! Um tédio! Que ódio! Acabaram com nossa festa.

— Menina, você parecia curada! Seus olhos não estão revelando nenhum enfado. Bola pra frente, que amanhã temos Holanda contra Espanha.

— Ou Espanha contra Holanda! Sem chance de ser feliz! Ah, vó, a galera vai almoçar no clube amanhã. O pessoal da turma, a senhora conhece bem. Posso ir com o Matheus e com a Aninha? Querem ver a final lá. Puxa! Nem sei se vou ver. Não estou a fim. Talvez seja melhor dar umas cinquenta voltas na piscina. Pode ser que eu consiga trocar algumas figurinhas. Vai ser difícil. Só me faltam quarenta e três. Vamos mesmo ao cinema hoje? Conta mais, conta? A senhora começou a falar da reação das pessoas...

— Ué. Vamos, sim. Não combinamos de ir à sessão das nove? Enquanto conto, nós nos aprontamos. O táxi vem nos buscar às oito e meia. Vamos lá. O roubo da taça causou grande alvoroço. Os versos *voa, canarinho, voa / da bola rolando e o mundo se encantando com a galera delirando* caíram de novo na boca do povo. Essa música fez sucesso por

ocasião da Copa de 1982. Até hoje dizem que nossa seleção de 82 foi a melhor de todos os tempos. A Jules Rimet, mulher alada, símbolo da grandeza do futebol brasileiro que havia "literalmente" voado, rendeu assunto na mídia do mundo inteiro. Se, quando a taça foi roubada na Inglaterra, os brasileiros disseram que fato como aquele nunca aconteceria por aqui, pois, no Brasil, até os bandidos eram fanáticos por futebol! A propósito, havia comentado com você a respeito da Nike? Não da empresa fabricante de artigos esportivos, que investe milhões em patrocínio de jogadores e de equipes de futebol (para vender mais seus produtos, claro). Falo de uma deusa. Nike é uma das deusas gregas, representa a vitória na mitologia romana. Tem a forma de uma mulher alada. É a figura que inspirou o criador do troféu. Uma mulher de braços/asas levantados para o alto segurando uma copa.

— Nunca havia pensado nisso. É... então a indústria de tênis também se inspirou na mitologia. Tem tudo a ver, né? Esporte com vitória.

— Aquele sinal da logomarca da Nike, que parece uma vírgula, representa uma asa da deusa da vitória.

— Vó, em outra hora, a senhora me conta histórias da mitologia? Adoro! Conta mais, conta. Voa, canarinho, voa... Que bonitinho!

— A taça havia voado! Passou Natal, passou Ano Novo, e nada! O técnico Zagallo dizia-se

chocado com o roubo. Pelé culpou as autoridades e os problemas sociais do país. Mal pensava ele que até hoje os tais problemas ainda existiriam. O Ministro da Justiça pôs a polícia na rua (ainda era um tempo de linha dura, está na História). Enquanto isso, numa mesa de carteado lá no bairro Santo Cristo, o tal do Broa, um arrombador que até já havia sido preso por pequenos furtos, contou que fora convidado por um companheiro de noitada conhecido como Peralta para roubar a taça da Copa lá na sede da CBF, mas que ele não tinha aceitado o convite. A polícia foi avisada a respeito do que o Broa havia contado, mas não deu crédito, pois supunha que ele estivesse interessado numa recompensa de cinco milhões de cruzeiros (hoje seriam uns trinta mil reais) que estava sendo oferecida por um banco do Rio de Janeiro a quem desse pistas que ajudassem a esclarecer o roubo da taça. E como o Broa vivia catando caraminguás!

— Tenho que me intrometer, vó. Já reparou que bandido, que gente trapacenta está sempre na pior? Sempre sem grana! Correndo da polícia ou de credores.

— Menina, você tem olho clínico! É assim mesmo. E não é por azar, não. A vida dá o troco, não é mesmo?

— É. Dá o troco, com juros! Bom, e depois?

— Dias depois, prenderam um homem conhecido como Bigode, que era decorador de festas e também receptador de ouro roubado. Bigode havia

sido denunciado pelo dono de um boteco, lá do bairro Santo Cristo. Pudera. O dono do bar havia bisbilhotado um pacote que o decorador havia escondido dentro de um congelador de seu boteco. E era a segunda vez que ele escondia alguma coisa lá. Ao ver que o pacote estava cheio de dinheiro, o homem pressentiu que haveria confusão. Então, chamou a polícia, que foi atrás do Bigode. Com ele, a polícia encontrou um cheque de doze milhões de cruzeiros, que hoje seriam um valor de sessenta e cinco mil reais, um punhado de dinheiro, um revólver e peças de automóveis. Naquele momento, o Bigode não piou a respeito de roubo de troféu. Como era negociante de ouro, tiveram como normal que o material apreendido fosse mesmo resultado de seus negócios e o soltaram. No decorrer do caso, o tal do cheque também voou, como a taça. Somente uns vinte dias depois, lembraram do que o Broa havia contado a respeito de haver sido procurado pelo Peralta para roubarem a copa. Então, a polícia foi atrás do Peralta, que era "assim" com os cartolas. Peralta era gerente de seguros de um banco. Diziam que era representante do Clube Atlético Mineiro perante a CBF. Conta-se que o presidente do Atlético custou a acreditar no envolvimento do Peralta e que depois justificou o envolvimento dele com o clube, dizendo que ele seria apenas um prestador de serviços. Na verdade, Peralta vivia xeretando lá na confederação, tinha mesmo passe livre por lá. Por esse lado, era tido como um

cidadão acima de qualquer suspeita; no entanto, não saía dos botecos e das mesas de jogo do Santo Cristo e, por isso, vivia dependurado em dívidas. Sequestraram o Peralta para ouvirem o que ele tinha a dizer (isso foi o que deu na imprensa, mais tarde). Contaram que ele foi pego por dois tiras valentões quando descia de um táxi e que havia sido obrigado a falar, mediante tortura. Os homens o puseram num fusca e o levaram para um barraco nos arredores do Rio. Quando foi solto, ele contou que lhe haviam tirado a roupa e o dependurado no pau de arara. E ainda lhe dado choque elétrico – tudo o que os donos da ordem se julgavam no direito de fazer. Dessa forma, ele acabou dando os nomes de seus auxiliares na empreitada. Falou do Bigode e do Barbudo. Alegou que havia arranjado os dois parceiros porque seria facilmente reconhecido pelo vigia do prédio. Segundo ele, depois que entregaram as quatro taças ao argentino que as teria derretido, cada um recebeu sua porção, e quem ficara encarregado da partilha do resultado do roubo teria sido o Bigode.

— Sei... O argentino vendeu a taça, inteirinha. Tenho certeza. Ainda vou encontrá-la debaixo de alguma cama!

— He! He! He! Se a vendeu inteira ou derretida... Sabe-se que o Barbudo apareceu com dinheiro, provavelmente rateio do roubo, e que ele gastou com amigos numa casa de massagem, numa só noitada, valor que não era de seu costume gastar num

mês inteiro. Também teria comprado um carro. Se ele não havia acertado no jogo nem na loteria, como apostavam seus amigos... Ah! Foi fácil pegá-lo.

— Vó, o táxi! Ainda bem que já estamos prontas. A senhora gosta deste meu perfume?

Bandidos julgados e condenados

— Beleza, vó? Eu estou ótima. Estamos... Eu e o Matheus torcemos pela Espanha. Foi tudo!

— Menina, você não havia dito que não queria ver a partida da final? Que preferia curtir a piscina?

— Vó, acontece que o Matheus e a Aninha quiseram ver o jogo. E, na piscina, só havia crianças!

— Sei. O Matheus quis ver o jogo. Só crianças na piscina... Conheço esse seu novo olhar.

— Ahhh! Fala, não. Foi um jogaço, vó! A Espanha mereceu ganhar o título. Ai, que saudade dos meus pais! Ainda bem que uma semana passa depressa. Sinto falta deles. Hoje, quando falei com papai, ele comentou que, na Itália, ninguém mais fala em Copa do Mundo.

— É assim para os que saem. O melhor da festa é mesmo esperar por ela. Não vê? A Copa de 2014 já começou... Já foi lançado o logotipo.

— Horriiiiível! Matheus disse que parece mão segurando cabeça. E ainda escreveram 2014 em vermelho! Vermelho não tem nada a ver com as cores do Brasil, né?

— Também não gostei. Falta azul e sobra vermelho. É para ser uma figura de mão segurando a taça FIFA. Depois que você falou... Estou imaginando o logo. Parece cabeça mesmo. Mão na cabeça

pensante. He! He! Ou alguém que quer pôr a mão na taça, antes mesmo de o jogo começar?

— Chiiiii! Deixa isso pra lá. Vó, conta mais? Demorou muito para os bandidos serem apresentados ao povo? Oficialmente, quero dizer.

— Deixe-me pensar... Foi lá pro final de janeiro de 1984. Já fazia mais de um mês que havia ocorrido o furto. Peralta, Barbudo e Bigode foram apresentados à imprensa como os autores, e o argentino Hernandez, como o receptador. No andar da diligência, como já lhe contei, aconteceram coisas mais parecidas com trapalhadas do que com uma investigação policial.

— Ah! O Matheus zoou até, por causa dos nomes dos bandidos. Barbudo, Bigode e Peralta... Só poderiam ser protagonistas de coisa assim, tipo sessão comédia...

— He! He! He! Bandido que se preza tem que ter apelido.

— E o cheque? E as coisas que foram encontradas com o Bigode?

— O tal cheque havia mesmo exalado. Os ladrões disseram que ele estava com a polícia. O delegado que havia começado as investigações acabou saindo do caso. Indagado, disse haver passado o cheque e as coisas do Bigode a seu substituto. Este falou que nunca chegou a ver nada. Dessa forma, não foi possível descobrir o nome de quem pagou pelo valioso troféu, inteiro ou derretido. E, como naquele

tempo a contabilidade bancária era feita a mão nos livros caixa, ficou tudo por isso mesmo...

— Meus Deus! Ninguém merece...

— Quando a polícia foi procurar a taça lá na Serra Pelada, no negócio do Hernandez e de Pugliese, os ourives que haviam sido citados pelos autores do roubo, só acharam no local barras de ouro e joias. Se a taça tinha estado lá, já era. Não sendo encontrada, surgiu a história do "picadinho". As lojas dos ourives foram interditadas, e a mercadoria encontrada – uma verdadeira fortuna em ouro e joias, segundo foi divulgado – foi apreendida. Pugliese se disse inocente, falou que Peralta o havia procurado, mas que não aceitara entrar no negócio. Nada provaram contra ele. Segundo afirmaram os dois supostos receptadores, quando eles conseguiram a liberação do material apreendido no comércio deles, entregaram-lhes apenas poucas barrinhas de ouro – muito menos do que havia sido apreendido – e peças de cobre e de latão. Na versão da polícia, todo o material apreendido lhes foi devolvido; porém, depois que eles aceitaram e levaram as peças sem contestar, retornaram para dizer que haviam recebido cobre ao invés de ouro. Se for verdade, o Pugliese acabou ficando com o prejuízo. Mas, como seu comércio não era lá muito bento...

— Que coisa! Quanto sumiço!

— Que coisa, mesmo, menina! Na época, a imprensa propagou que a polícia havia deixado acontecer, sob suas asas, um desvio (um roubo

mesmo) do material apreendido com os ourives. Segundo o que foi noticiado, esse desvio teria acontecido no vaivém entre delegacias, e tais objetos teriam um valor bem maior do que o dos quatro troféus que haviam sido roubados na sede da CBF. Falavam de valor monetário, claro. Esse "outro roubo" foi comentado naquele *chat* de que lhe falei, o que foi realizado após um programa de televisão na época da Copa de 2006.

— Lembro.

— Um promotor que atuou na investigação do caso participou daquele *chat*. Ele comentou que o material do comércio dos ourives havia sido apreendido por um delegado, o que saiu do caso, e que depois o material foi devolvido aos ourives pelo delegado substituto. Segundo ele, a devolução foi feita indevidamente, uma vez que as peças estavam à disposição da polícia. Também comentou que, de fato, os ourives levaram o material e depois voltaram para reclamar que haviam levado gato por lebre. No entanto, ele não poderia afirmar se eles mentiram, dizendo que haviam recebido ouro falso, ou se as peças desapareceram mesmo dentro da polícia. Ele também comentou a respeito do sumiço do cheque, do dinheiro e do revólver que encontram com Bigode: tudo havia desaparecido! Se ficou na polícia federal, ninguém sabe.

— Vó do céu! Como se explica? E os bandidos?

— Não se explica! É simples. É o tal jogo de empurra. Ninguém sabe, ninguém viu ou foi o outro que viu. E o outro diz que nada sabe. Nada, nada mudou, até hoje. O que aconteceu com os bandidos? Foram julgados e condenados. Isso, cinco anos após o roubo. O Broa, depois de penar, ser preso e acusado até de ter sido o mentor de tudo, acabou ficando como o herói do caso. No final das contas, ficou constatado que ele não tinha posto a mão na taça e foi ele quem "cantou" os nomes dos autores. Coitado! Morreu de acidente de carro, antes do julgamento. Falou-se em queima de arquivo, em vingança, uma vez que ele era uma testemunha importante no processo.

— É a tal da maldição! E os outros?

— Peralta fugiu, morou em Cabo Frio por muito tempo, mas acabou sendo preso. Dizem que, na prisão, fez amizade com um bicheiro poderoso que, como ele, cumpria pena (suspeita-se que teria sido esse bicheiro quem pagou um advogado para Peralta sair em liberdade condicional). Morreu de ataque cardíaco em 2003, sem família, sem amigos e sem dinheiro algum. Barbudo foi assassinado dentro de um bar, lá na vizinhança do Santo Cristo, pouco tempo após o julgamento. Nem chegou a ficar preso. Bigode ficou foragido por algum tempo. Depois, entregou-se e cumpriu pena numa cidade do interior do estado.

— Será por que o Broa não quis participar do roubo, se era conhecido como arrombador?

— Menina! Nem acredita! O Broa afirmou que foi convidado pelo Peralta, mas que não quis entrar no rolo. Alegou que não aceitara o convite em honra da memória de seu irmão Giacomo, que havia morrido do coração (de emoção!). O irmão havia morrido justamente na hora em que Carlos Alberto fez o quarto gol do Brasil na final da Copa de 70. O homem bateu as botas minutos antes de começar a festa do tri. Pode? Por causa disso, ele achava que o troféu era coisa sagrada, que não podia ser roubada.

— Voooóóóó! Que viagem! Parece roteiro de cinema.

— Na verdade, foram alguns acasos que permitiram que o caso do roubo da taça fosse desvendado. Não sei se a CBF foi punida por não haver resguardado os troféus, que eram patrimônio do povo brasileiro.

— Aposto que não! Os jornais não dizem, todo dia, que criminosos não são punidos no Brasil? Ainda mais os poderosos! Fiquei pensando: se a réplica ou a taça original que a FIFA arrematou foi para o Museu de Futebol da Inglaterra... nós ficamos sem nenhum símbolo do tricampeonato?

— Menina, nesse ponto da história, aparece mais uma réplica da taça! Pode?

— Caramba! Mais uma?

— Sim. Isso, sem falar das que foram feitas para filmes, para programas de televisão. A que está na CBF é de ouro, feita com os moldes da peça original.

Dizem que os moldes foram localizados e que uma empresa da área da fotografia patrocinou a confecção dessa cópia que foi solenemente entregue à CBF pela FIFA antes de ser completado um ano do roubo. Houve muito auê antes da apresentação da nova taça. Jogadores das seleções das Copas de 58, 62 e 70 apareceram em programas de rádio, de televisão e em jornais para falarem dela. Até o presidente da República, João Figueiredo, esteve presente à cerimônia de entrega. Fizeram também cópia dos outros troféus que haviam voado com a Jules Rimet. As taças, novinhas em folha, viajaram por diversas partes do Brasil antes de irem para a vitrina da CBF.

— Fácil, né, vó? Fazer calar o choro do povo. Fica até parecendo...

— Parecendo o quê?

— Preciso nem falar. Ninguém sabe, ninguém viu... Ah! Falamos tanto do nome Jules Rimet. Quem foi mesmo esse cara? Vooooó, pera aí. Meu celular. É o Matheus. Ele pode vir aqui para vermos um filme? A Aninha também vem. A senhora faz pipoca?

O homem que inventou a Copa do Mundo

— Vó, quem foi mesmo Jules Rimet?

— Menina, já lhe contei, creio. Foi o homem que inventou a Copa do Mundo. Jules Rimet era francês. Sabe-se que ele, desde jovem, era dado aos esportes. Não chegou a ser um atleta. Tornou-se presidente da FIFA no início da década de 20 e acabou sendo seu dirigente até 1954. Desde sua posse, ele fomentou o sonho de organizar um campeonato mundial de seleções de futebol. Porém, somente em julho de 1930, ele conseguiu realizar a primeira Copa do Mundo. Menina, acho que lhe contei que a primeira Copa foi disputada no Uruguai...

— No Uruguai? Por que no Uruguai, se Jules Rimet vivia na França? Se a Europa era e ainda é uma região mais rica e adiantada do que a América do Sul?

— Num congresso realizado pela FIFA dois anos antes da data prevista para o primeiro campeonato, foi decidido que a Copa seria realizada no Uruguai. Levaram em conta alguns fatores. Primeiro, o futebol do Uruguai havia ficado famoso por haver conquistado, por duas vezes seguidas, a medalha olímpica de futebol. Além disso, o Uruguai, no ano de 1930, comemoraria o primeiro centenário de sua independência política. Sediar uma Copa do Mundo enriqueceria as festividades de comemoração. Assim, os representantes do Uruguai propuseram

construir um bom estádio naquele país e pagar todas as despesas de viagem e alimentação dos participantes. Ah, menina! Na verdade, poucos países europeus quiseram participar da primeira Copa por causa da distância entre o Uruguai e a Europa (foi o que alguns disseram). Naquele tempo, uma viagem da Europa para a América do Sul tinha que ser feita de navio. Levava-se duas semanas para ir, mais duas para voltar, ou seja, uma viagem como essa ficaria caríssima, mesmo com as despesas pagas, considerando o tempo de que precisariam dispor. Uma seleção europeia ficaria um mês inteiro somente por conta de viajar pelo mar e ainda mais um mês para a disputa dos jogos... Dois meses para disputar uma Copa!

— Nossa, vó! Nem consigo imaginar uma dificuldade desse tamanho! Hoje, um voo de Roma a São Paulo leva umas doze horas!

— He! He! Jornais da época publicaram alguns comentários em que diziam que os países europeus estavam desprezando a Copa no Uruguai. Um boicote mesmo. Que não era por causa das dificuldades de locomoção, de despesas excessivas devido ao tempo gasto no torneio. Na verdade, antes de ser definida a realização da Copa no Uruguai, muitos países da Europa queriam sediar os jogos. Definido o local, a Itália desistiu de participar e outros países a imitaram. Assim, a princípio, apenas as seleções das Américas demonstraram interesse. Acabou que a festa foi

realizada. Foi construído um belo estádio em Montevidéu, o Estádio Centenário, e o Uruguai organizou um emocionante campeonato.

— E Jules Rimet foi assistir aos jogos?

— Claro que sim! Se ele havia visitado país por país para convencer seus representantes a fazerem suas inscrições! Quando tudo já estava programado, o Uruguai chegou a ameaçar que iria cancelar a Copa e ainda deixar de ser associado à FIFA. Às vésperas da data marcada para a competição, Bélgica, França, Romênia e Iugoslávia fizeram a inscrição.

— Iiiih, vó. Será que as equipes viajaram num mesmo navio?

— Antes dos jogos, todos são amigos, estão todos num mesmo barco. Não é mesmo? He! He! He! A primeira delegação a embarcar foi a da Romênia, em um navio italiano, o Conte Verde. Depois, o navio fez uma escala num porto da França, onde embarcaram os franceses e os dirigentes da FIFA. Entre eles, estava um homem de terno e gravata, cabelos brancos e bigode bem cuidado, sorridente. Era o Jules Rimet. Conta-se que ele teria viajado, o tempo todo, cuidando da valise que continha a taça. Que ele não se separava dela nem para ir ao banheiro! E que a mostrou ao público somente quando chegou a Montevidéu. Naquele tempo, ela nem ainda tinha o nome dele.

— Disso eu sei. A taça recebeu o nome dele muitos anos depois. Antes, era conhecida como Nike,

a vitória com asas de ouro, a mulher alada. A senhora me contou. Agora, fala sério, vó. Ele viajou mesmo segurando a taça? Com a taça na mão?

— É o que ficou registrado na História.

— E as outras seleções, como vieram?

— Aquele mesmo navio aportou na Espanha e apanhou a seleção belga. Pararam em outros portos, como a viagem exigia, pois precisavam se abastecer de combustível e de alimentos. Ao chegarem à América do Sul, aportaram no Rio de Janeiro para o embarque da delegação brasileira. Ah, também queriam descansar e conhecer as famosas casas noturnas do Rio.

— Casas noturnas do Rio já eram badaladas naquele tempo?

— Acho que mais ainda do que as de hoje. Havia os cassinos, os cabarés da Lapa. Naquela época, o Rio já era uma cidade conhecida no exterior por suas belezas naturais e por suas casas de diversão.

— A-do-ro o Rio de Janeiro, vó. Gosto muito de passar férias lá, com papai e mamãe. É super! Como a senhora ia dizendo, a delegação brasileira embarcou no mesmo navio que trazia as seleções da Romênia, França e Bélgica.

— Menina, já havia lhe contado que aquela seleção foi formada só por jogadores cariocas? De quebra, um único paulista?

— Mudou pouco, né, vó? Até parece que não existe futebol no resto do Brasil. Tá vendo no que deu

a Copa deste ano? Convocaram os mais poderosos, e eles não conseguiram dominar a jabulani! Ai, que ódio! Fala, não. Não gosto nem de lembrar. Ah, e como ficou classificado o Brasil na Copa de 30?

— He! He! Foi eliminado na primeira fase. Só jogou duas partidas. Ganhou uma e perdeu outra.

— Será que a primeira Copa do Mundo chamou a atenção do mundo inteiro?

— Grande parte da população mundial, se ficou sabendo da Copa, foi pelo rádio e pelos jornais. As notícias demoravam a ser espalhadas. Mas, lá no Uruguai, a coisa pegou fogo. Dona História conta que mais de noventa mil pessoas estiveram presentes na partida final que foi disputada entre Argentina e Uruguai.

— E o Uruguai foi o campeão!

— Acredita, menina, que, desde a primeira Copa, a bola usada nos jogos vem gerando discussões, que nem a jabulani gerou neste ano ou mais ainda? No primeiro tempo da partida final, usaram uma bola argentina; e no segundo, uma bola uruguaia.

— Que massa! E deve ter tido alguma briguinha. Aposto!

— Se teve briga, não sei. Sei que foi o Jules Rimet que entregou a taça aos vencedores e que, no dia seguinte, foi feriado no Uruguai.

— Olalá! Então, oitenta anos atrás já era costume fazer feriado para o povo comemorar!

— Ah! Conta-se que, em Buenos Aires, o consulado (sei lá, o prédio onde ficava a diplomacia uruguaia) foi apedrejado. Deve ter sido por baderneiros.

— Uau! Achei que bagunça fosse coisa do mundo de hoje!

— Não é de hoje, não! Se o mundo atual é tão evoluído, tão civilizado... Fazer desordem é coisa muito primitiva, ainda mais em detrimento do bem-estar coletivo! O que você acha?

— É verdade, vó. A galera lá do clube pensa que nem a senhora. Gostamos muito de festejar; mas, de destruição, quebradeira, não gostamos, tá, vó? Ah! Quando acabou a Copa, as delegações todas embarcaram no mesmo navio para retornarem à Europa?

—Ah, menina, vou pesquisar sobre isso e depois lhe conto. Sei que Jules Rimet aproveitou-se da escala do navio e desembarcou no Rio de Janeiro. Queria conhecer o futebol de nossa terra. Ficou muitos dias no Brasil. Chegou a visitar Belo Horizonte, sabia? Naquele ano, o Atlético Mineiro havia acabado de inaugurar a iluminação de seu estádio, o Estádio Presidente Antônio Carlos, ou campo do Atlético, como ficou mais conhecido. Até então, os estádios, no mundo inteiro, não eram iluminados. Assim, em Minas Gerais, Jules Rimet assistiu, pela primeira vez, a uma partida noturna.

— Não dá nem pra acreditar. Como as cidades mudaram! Imagino que a senhora vê muitas diferenças entre o nosso modo de viver hoje e o modo de viver do seu tempo de jovem.

— As coisas, hoje, mudam muito rapidamente. Aquele estádio nem existe mais, sabe? No seu lugar, construíram um *shopping* de luxo. As cidades, principalmente as capitais, cresceram muito. Estão lotadas de carros, de motos, de ônibus. Até parece que, nas ruas, há mais veículo do que gente!

— O Matheus diz que, quando começar a trabalhar, vai comprar é moto. É sua paixão! E vai sair por aí, em disputa com os carros.

— Ele me pareceu um menino muito ajuizado. Que permaneça assim. Você tem escolhido bem os seus amigos. Que bom que não sejam de muita bebida, que gostem de cinema, de esportes, de estudar. Não é mesmo?

— A galera é legal, vó. Os meninos adoraram ver filme na sua casa. Não foi por causa da bacia de pipocas que eles gostaram. Foi por sua causa. Disseram que a senhora é gente boa demais. É a avó da hora! Ah! Depois a senhora me fala mais da história dessa Copa. Estamos quase chegando ao aeroporto. Que alegria! Papai e mamãe não demoram a desembarcar, sãos e salvos. A senhora vai nos receber para ver filmes na sua casa, não vai?

— Minha menina, você me conhece. Você e seus amigos estão no meu coração. Vou ficar morrendo de

saudade de você, de sua alegria. Tomara que seus pais logo, logo arrumem outra viagem. E como ficou seu álbum de figurinhas?

Caro leitor,

Este livro foi escrito durante a realização da Copa do Mundo de 2010. Nem precisava dizer, não é mesmo? Foi muito divertido escrevê-lo, apesar da decepção que tivemos no meio do caminho, uma vez que, como você e todo brasileiro, eu confiava, esperava e desejava que o Brasil fosse o campeão da Copa de 2010. Isso, mesmo suspeitando que a nossa seleção não era a dos sonhos de todos os torcedores (com duzentos milhões de palpiteiros a opinar sobre cada jogador de cada posição, como se chegar a um acordo?)

Nada do que está neste livro é segredo. Está tudo na *WEB- World Wide Web*, a enorme rede da *internet*, composta de um infinito número de sítios virtuais. Cada fato, cada nome, cada acontecimento que você quiser confirmar, é só digitá-lo num *site* de busca da *internet* que você o encontra. Como a história dialogada no texto é uma ficção, mesmo que fundamentada em fatos divulgados pela mídia, preferi usar na trama apenas os apelidos das pessoas envolvidas no roubo da taça. Seus nomes próprios são citados nos noticiários da época e podem ser pesquisados na rede. Diversos dados estão no *site* da FIFA - Fédération Internationale de Football Association. Depois, é só escolher a versão que lhe

parecer mais convincente (ou não) e construir a sua história. Garanto-lhe que vai se divertir bastante.

Os fatos ligados aos sumiços do troféu Jules Rimet, tanto no exterior como no Brasil, fazem-nos rir ou chorar. Os guardiões do troféu bem que podiam ter cuidado dele com mais carinho, não é mesmo? Conquistá-lo havia sido uma luta. Tantos países vinham brigando por ele, desde 1930, e o deixaram sumir, assim, sem mais nem menos? No Brasil, então... Diziam acreditar que até mesmo os bandidos eram apaixonados por futebol e nunca iriam roubar a copa do mundo. Quem já viu ladrão bonzinho, que nunca roubaria uma taça de puro ouro, por ela ser símbolo do tricampeonato mundial de futebol? Se a taça original (ou não?) estivesse protegida a sete chaves, como merecia, talvez ainda estivesse num lugar de honra, resguardando toda a sua simbologia. Justamente pelo fato de a taça ter um grande valor simbólico, existe muita especulação em torno dos seus sumiços. E, como é dito que "onde tem fumaça, tem fogo"...

A questão da desconfiança em torno dos sumiços da taça foi levantada por minha sobrinha Sílvia – historiadora, hoje doutora em História – há alguns anos. E foi a desconfiança da Sílvia que me levou a especular sobre o caso. Ela cisma que a taça que foi roubada no Brasil não teria sido derretida, que pode ter sido vendida, inteira, a algum colecionador. Será?

Fui atrás dos indícios apontados pela Sílvia e, enquanto pesquisava, li muitos artigos a respeito dos sumiços da taça. Não consegui esclarecer alguns pontos. Que tem coelho nesse mato, isso tem! Fico pensando na teoria apresentada pelo professor pesquisador Martin Atherton e pelo jornalista inglês Simon Kuper a respeito de uma provável substituição da taça, a qual havia sido entregue ao capitão do time da Inglaterra após a vitória desse país na Copa, em 1966. Será que a taça original nem mesmo chegou ao Brasil após a conquista do tricampeonato? Se não veio, onde estaria? Por que surgiram tantos "clones" do troféu? (Já olhou debaixo de sua cama? Quem sabe encontra lá a taça original!)

Para chegar a uma pista que me levasse a afirmar se a taça "certa" foi derretida, seria necessário escarafunchar processos, boletins policiais e jornais da época do roubo para, depois, ir atrás dos indícios. Será que essa papelada seria encontrada? E testemunhas oculares? Já se passaram 27 anos desde o roubo de 1983. Boletins policiais, processos – essas coisas – ainda não estão na *Web*, e é melhor que nunca estejam, pois, se a coisa chegar a esse ponto, como ficarão nossos direitos a respeito de fatos ligados a nossa vida pessoal, que somente a nós interessam?

Se o leitor pesquisar na *Web* a respeito do roubo da taça Jules Rimet no Brasil, encontrará algumas versões diferentes das que foram comentadas neste

texto. Entre elas, a de que a taça foi roubada na sede da CBF em 1983, por encomenda, para fazer parte da coleção de algum poderoso colecionador de objetos preciosos. Portanto, nessa linha de pensamento (ou suposição?), a taça nunca teria sido derretida. Há artigos de jornais e revistas que mencionam que o argentino Hernandez teria dito que havia sido pago para dizer que derretera a taça. E que, quando a peça chegou a ele, já havia toda uma história montada. Pode ser... São tantas as controvérsias, não é mesmo? Mas... E se a taça original tiver ficado na Inglaterra, em 1966? E se ela tiver sido arrematada pela FIFA naquele leilão?

Para mim, foi de grande importância saber um pouco a respeito do ser humano Jules Rimet, o homem que "inventou" a Copa do Mundo. Jules Rimet, nascido na França aos quatorze de outubro de 1873, presidente da FIFA de 1921 a 1954 e falecido em 15 de outubro de 1956, pode ser considerado o nome mais importante de toda a história do futebol. Convencido de que a finalidade do esporte é promover o entendimento mútuo entre os povos, esteve presente em todas as Copas do Mundo que foram realizadas de 1930 a 1954. Assim, pôde presenciar o crescimento do torneio, que atualmente desperta a atenção de milhões de pessoas em todo o mundo. Nem ele, que acreditava no valor humano e social do esporte, poderia imaginar que o torneio mundial de futebol atingiria tanta gente. Por sua intenção de promover o esporte para

reconciliar os povos, seu nome foi lembrado, em 1956, para o Prêmio Nobel da Paz. Rimet não chegou a ser indicado, pois, enquanto os papéis estavam sendo preparados, faleceu.

A história de todas essas Copas que presenciou, ele conta em um livro que publicou em 1954, o *L'istoire merveilleuse de la Coupe du Monde*. Procurei, mas não encontrei nenhuma referência à edição desse livro em português, que poderia ter recebido em nosso idioma o título de *A maravilhosa história da Copa do Mundo*. Nesse livro, Jules Rimet deixa claro o pensamento de que tinha o futebol como um "poderoso meio de progresso físico e moral, doador da alegria saudável e propagador de compreensão e reconciliação entre as raças." Será que algum leitor saberia onde posso encontrar um exemplar? Sei que se encontram esgotados. Gostaria de conhecer a maravilhosa história da Copa do Mundo narrada pelo seu "criador" para depois poder contá-la ao leitor.

Outro fato que gostaria de salientar a respeito do processo da minha pesquisa está relacionado à receptividade das pessoas a prestar informações. Quero deixar aqui um agradecimento à revista *Superinteressante*, que, ao receber meu contato a respeito do artigo *Derreteram a taça errada?*, mandou-me pelo correio o artigo inteiro. Esse artigo é uma tradução, em forma de história em quadrinhos, do texto *Solid gold mystery awaits the final whistle*, que

Simon Kuper publicou no jornal inglês Financial Times e em outros jornais europeus, em 2006. Navegando na *internet*, o leitor encontrará esse artigo em mais de uma fonte.

Ewaldo Schleder – corroteirista de Sérgio Zandoná no filme *O Argentino que derreteu a Jules Rimet*, dirigido por Jota Eme e feito no Paraná – atendeu-me prontamente. Encontrei o endereço de Ewaldo, jornalista, roteirista de vários filmes, cronista e poeta, e ele se dispôs a falar sobre o filme e ainda me enviou uma cópia do roteiro. Não vi a fita, mas foi como se a tivesse visto. Muito interessante a abordagem que fez sobre o sumiço e sobre o fim que foi dado à taça roubada no Brasil. Agradeço muito a Ewaldo por sua atenção.

Ao ser consultada, a FIFA preferiu não me informar a respeito das andanças da Taça FIFA. Agradeceu pela mensagem que lhe enviei. Porém, em bom português, desculpou-se: "Gostaríamos de lembrar que, tal como antes, a FIFA publica seus comunicados nos quatro idiomas oficiais da entidade - inglês, francês, espanhol e alemão. Da mesma maneira, apenas nos correspondemos nessas quatro línguas. / Agradecemos por sua compreensão./ Cordialmente,/ Communications & Public Affairs/ FIFA – Fédération Internationale de Football Association (www.FIFA.com)

Diante dessa resposta da FIFA, pensei em como a Federação Internacional de Futebol está perdendo a oportunidade de se comunicar com milhões de torcedores, uma vez que a língua portuguesa é a língua oficial de oito países, é falada por mais de 200 milhões de pessoas, está entre as oito línguas mais faladas no mundo e é a terceira mais falada nos continentes africano e europeu.

Preciso fazer um agradecimento aos meus fiéis leitores comentaristas. Os capítulos deste livro foram postados no *blog* ALMA CARIOCA (www.almacarioca.net) à medida que foram escritos, e foram comentados por alguns leitores. Muito obrigada: Ana Lúcia, Ana Luísa, Gutie, Lu Dias, Manoel, Marília, Mário, Moacyr, Regina Maria e Paulo Afonso, que administra com tanto carinho aquele espaço de literatura. Posso lhes dizer que vocês deram um tom muito especial a esta história.

Na verdade, não sei se a menina personagem desta história completou seu álbum de figurinhas da Copa de 2010. Pode ser que ela tenha pedido pela *internet* as figurinhas que lhe faltavam, pode ser que não. Como fazer o álbum *FIFA Word Cup South Africa 2010* tornou-se mania coletiva no país na época da realização da última Copa, procurei saber um pouco sobre a história das figurinhas de jogadores de futebol, que lhes contarei a seguir.

As primeiras figurinhas teriam surgido em 1919. Vinham enroladas em uma bala, e não havia álbuns

para serem coladas. Em 1921, uma revista, de nome São Paulo Illustrado*, propagava as figurinhas das Balas SportsMan, de uma empresa chamada Grecchi & Cia. No Brasil, as primeiras figurinhas de futebol datam de 1927 e foram lançadas em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O álbum de figurinhas só apareceu em 1938. Em 1950, depois de encerrada a Copa do Mundo, foi lançado o álbum* Balas Futebol – Craques do Campeonato Mundial de Futebol 1950. *Não encontrei registro de álbum de figurinhas editado no Brasil sobre as Copas de 1954 e de 1958. Somente a partir de 1962, as figurinhas de futebol passaram a ser lançadas antes do período de realização da Copa. Nessa época, as figurinhas começaram a ser vendidas em pacotinhos. Para o mundial de 1966, uma editora lançou o álbum* Brasil na Copa do Mundo*, com imagens dos jogadores de todas as seleções brasileiras dos mundiais de 30 a 62 em preto e branco. Em 1982, um álbum da fábrica de chicletes Ping Pong fez sucesso no país: o* Ping Pong Espanha 82. *Em 1986, essa mesma fábrica preparou um álbum, mas ele não chegou a ser comercializado. Em 1990, a Editora Panini, de origem italiana, graças a um acordo com a FIFA, passou a ter o direito exclusivo de editar as figurinhas dos jogadores das seleções classificadas para o mundial, o que serviu para padronizar os cromos em todos os países onde são comercializados. No álbum de 1994, as figurinhas passaram a ser autocolantes.*

Então, caro leitor, até 2014! Que, até lá, o técnico escolhido pela Confederação Brasileira de Futebol consiga formar a seleção “quase sonho” de todos brasileiros e que essa seja a Copa de nossas vidas, sem nos esquecermos de que é a mídia que manipula nossas expectativas. Como a próxima Copa será realizada no Brasil, desde a final da Copa de 2010, esse é o assunto do momento e será pelos próximos quatro anos. E toda a mídia está a postos. Para quê? Para vender refrigerante, cerveja, carros novos, celulares, artigos esportivos. É muito dinheiro sendo movimentado no mundo inteiro em função de uma Copa do Mundo. Sonho, espero, desejo ardentemente que bebidas alcoólicas deixem de ser anunciadas em programas esportivos e em todas as matérias referentes aos jogos da Copa de 2014. Nossos jovens precisam ter a ideia de que o esporte, por si só, pode lhes dar muita e pura alegria sem o uso do álcool.

Terezinha Pereira nasceu em Pará de Minas, MG, em 1948. É formada em Letras. Desde 1997, tem contos e poemas publicados em coletâneas editadas em diversos estados do Brasil, em Portugal e na Itália. Publicou seu primeiro livro, o romance *Em confidência*, em 2000. No ano de 2001, teve publicada a tradução do conto de O. Henry, *A última folha (The last leaf)*. Em 2004, publicou o Caderno Literário-1, contos, *Se uma pianista numa noite branca...* e, em 2007, o livro de contos *Contemplação*.